

Como ser profissional e mãe: a construção mediática da maternidade ideal de Gisele Bündchen

How to be a professional and a mother: The media
construction of Gisele Bündchen's ideal motherhood

Laura Guimarães Corrêa¹
Lígia Campos de Cerqueira Lana²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as maneiras como a gravidez e a maternidade de Gisele Bündchen foram narradas pelos meios de comunicação massivos. O texto reflete sobre as possíveis versões e tensões dos sentidos de ser mãe hoje tendo em vista o contexto das sociedades neoliberais, marcadas pelo imperativo da responsabilidade individual para a construção da vida bem-sucedida. Nas declarações da modelo sobre a maternidade e a amamentação, observam-se tanto a presença de falas deontológicas conservadoras, que reafirmam o lugar da mulher-mãe, quanto a ausência de qualquer sinal de conflito entre a maternidade e a carreira como modelo. A atividade profissional de Gisele Bündchen no pós-parto, bastante divulgada na mídia, provoca a discussão sobre a construção de um ideal de mulher-mãe midiática e as contradições, responsabilidades, expectativas e prioridades de/para mulheres na contemporaneidade.

Palavras-chave: maternidade, celebridade, Gisele Bündchen, feminismo, *care*.

ABSTRACT

This article aims to analyze the mass media coverage of Brazilian top-model Gisele Bündchen pregnancy and motherhood. The research seeks to reflect on the possible versions and contradictions of being a mother in the context of neoliberal societies, defined by the imperative of individual responsibility for building a successful life. In Bündchen's statements about motherhood and breastfeeding, there is both a conservative perspective, which reaffirms the place of women as mothers, and the absence of any conflict between motherhood and her career as a top-model. Gisele Bündchen's postpartum professional activity, well publicized in the media, leads to the discussion about the construction of an ideal mother-woman and the contradictions, responsibilities, expectations and priorities of / for women nowadays.

Keywords: motherhood, celebrity, Gisele Bündchen, feminism, *care*.

¹ Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, 31270-901, Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: guimaraes.laura@gmail.com

² Bolsista de Pós-doutorado Jr. (CNPq) na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Av. Pasteur, 250, Campus Praia Vermelha, Palácio Universitário, sala 121, Urca, 22290-240, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: ligialana@gmail.com

Introdução

Em 8 de dezembro de 2009, na cidade de Boston, nos Estados Unidos, a modelo Gisele Bündchen deu à luz Benjamin, seu primeiro filho com o marido, o jogador de futebol Tom Brady. Na época, a mídia nacional dedicou inúmeros textos à divulgação do acontecimento. Não somente as revistas de fofoca, mas jornais de grande circulação, como *Folha de S. Paulo*, e revistas semanais, como *Isto é*, registraram rumores da gravidez, informações sobre o parto, as primeiras imagens do bebê e os sentimentos de Gisele Bündchen a respeito da maternidade. De maneira geral, os diversos assuntos trazidos à tona pela mídia deram a ver um acontecimento que se desenrolou de forma perfeita. Em cerca de 30 textos coletados em revistas, jornais e canais de televisão brasileiros, tudo ocorre sem nenhum contratempo. As transformações em seu corpo são pequenas, já que Gisele fez atividades físicas e se alimentou muito corretamente. O parto é natural e domiciliar, resultado de sua dedicação com a gravidez. Os primeiros cuidados com o bebê não são difíceis, pois a modelo já se considerava “100% mãe” de seu enteado John, filho de Tom Brady com a ex-namorada, a atriz Bridget Moynahan. A narrativa midiática configurou um acontecimento em que todos os eventos ocorreram de maneira completamente satisfatória, contrariando a regra do “padecer no paraíso”. De acordo com os textos da mídia, Gisele não sofreu nenhum tipo de conflito ao se tornar mãe. A modelo bem-sucedida, que acumula fortuna de milhões de dólares e raramente se envolve em escândalos, experimentou, nos textos midiáticos, uma maternidade sem atribulações.

No início de 2010, a modelo maravilhada com a experiência da maternidade prestou uma homenagem em seu *blog* às mulheres pelo dia 8 de março. Na postagem, Gisele Bündchen assina um texto em primeira pessoa, definindo a maternidade como a principal responsabilidade das mulheres. “Estar comprometida em construir uma família, se tornar mãe e criar um filho com amor e consciência é para mim a maior responsabilidade que uma mulher pode ter” (Bündchen, 2010). A família que se inaugura segue o padrão tradicional; Gisele Bündchen é casada com um homem, quase tão célebre quanto ela nos Estados Unidos. A construção de sua maternidade tem o formato clássico – mulher, casada, branca e heterossexual. A declaração, repetida no mesmo *blog* no dia das mães daquele ano, não teve

nenhum destaque especial na cobertura midiática do nascimento de seu filho.

Em que consiste um discurso de homenagem? Como discutido em trabalhos recentes (Corrêa, 2011b, 2012), consideramos que homenagear significa demonstrar admiração e respeito por alguém, trata-se de um reconhecimento do valor de certa pessoa ou grupo. A homenagem tem ainda como característica importante o fato de ser pública, explícita, dirigida não apenas ao/a homenageado/a, mas a um grupo maior ou mesmo ao conjunto de uma sociedade. As homenagens, que se concretizam em práticas e discursos, costumam ser seletivas, isto é, enfatizam determinados aspectos de quem recebe o tributo. Observamos ainda que o/a homenageado/a é um tipo de personagem ideal, do qual são destacadas as características e ações mais adequadas ou desejáveis. Reafirmando ideias consolidadas e/ou hegemônicas, as práticas discursivas de homenagem tendem a ser conservadoras, normativas e valorativas. Michel Foucault afirma que

o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (Foucault, 2009, p. 8).

Assim, entendemos a homenagem, em suas diversas formas, como uma prática *positiva* do poder que se exerce pela afirmação daquilo que pessoas e grupos *são e fazem*, sugerindo também, por oposição, aquilo que *não* podem nem devem *ser e fazer*. A homenagem a mulheres e mães, tema deste artigo, configura-se como estratégia discursiva que propõe, estabelece e designa lugares e práticas de gênero, ativando normas e valores relativos à maternidade.

Em suas homenagens, alguns posicionamentos de Gisele Bündchen a respeito da maternidade – entre eles, a sugestão que deveria existir uma lei que obrigasse as mães de todo o mundo a amamentar nos primeiros seis meses – foram criticadas por grandes publicações; o *New York Post*, por exemplo, pediu que a modelo se calasse (“*Shut up, Gisele!*”). No entanto, a ideia que a maternidade é a “maior responsabilidade” da mulher não causou nenhum estranhamento na esfera público-midiática. Referendada pelos textos analisados, a homenagem de

Gisele Bündchen postula que, entre os inúmeros eventos que podem compor a biografia feminina, a maternidade é aquela que deve ser assumida com maior compromisso pelas mulheres.

De acordo com o dicionário Houaiss (2009, p. 1653), responsabilidade possui um significado geral, a “obrigação de responder pelas ações próprias ou dos outros”, e outros inúmeros sentidos jurídicos, relacionados à “obrigação de cumprir os encargos que decorrem do contrato” nos campos civil, penal, criminal, legal e contratual. As imputações jurídicas que advêm da palavra responsabilidade reforçam ainda mais o imperativo da prescrição, que caracteriza qualquer homenagem. O termo escolhido dá mais intensidade à mensagem de Gisele Bündchen a respeito dos comportamentos esperados das mulheres frente à maternidade. Por um lado, não experimentar a maternidade, algo que acontece com algumas mulheres, seria reprovável, dado que ser mãe é a tarefa mais importante na vida feminina. Por outro lado, ao viver a maternidade, as mulheres deveriam deixar de lado suas outras atividades, pois ser mãe é a principal delas.

Elisabeth Badinter, que tem se dedicado a estudar os conflitos relativos à maternidade, explica que, diante da heterogeneidade de modos de vida femininos, as ideologias que cercam a maternidade e “as pressões que são exercidas sobre as mulheres para se conformar ao modelo da boa mãe” (2010, p. 43, tradução nossa) são centrais para a compreensão das ambivalências do ser mãe. A homenagem de Gisele Bündchen, divulgada em escala massiva, contém figuras alegóricas e tradicionais da maternidade. O fato de não ter causado nenhum estranhamento nos leva a indagar sobre as ideias que permeiam uma suposta boa condução da vida feminina e da experiência da maternidade hoje. As reflexões apresentadas neste artigo decorrem da associação de resultados parciais de duas pesquisas de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Com relação ao conceito de maternidade e aos significados em torno das práticas de homenagem, a reflexão deriva-se da tese *Mães cuidam, pais brincam: normas, valores e papéis na publicidade de homenagem* (Corrêa, 2011a), que analisou a publicidade de homenagem para pais e mães na mídia brasileira. Os dados empíricos relacionados ao acontecimento analisado, a maternidade midiática de Gisele Bündchen, referem-se à tese *Personagens públicas na mídia, personagens públicas em nós: experiências contemporâneas nas trajetórias de Gisele Bündchen e Luciana Gimenez* (Lana, 2012), que comparou as trajetórias midiáticas de Gisele Bündchen e Luciana Gimenez dos anos 2000 aos dias atuais.

Responsabilidade e maternidade

A participação de uma grande parcela das mulheres ocidentais no mercado de trabalho extradoméstico fez com que a maternidade pudesse deixar o posto de maior responsabilidade feminina desde a década de 1970. Paralelamente, a pílula anticoncepcional possibilitou, entre outras coisas, que a maternidade se tornasse um acontecimento programado pelas mulheres ou pelos casais.

Nos mais diversos segmentos da sociedade, a problemática inserção da população feminina no mercado de trabalho extradoméstico trouxe novas configurações que se refletem no cotidiano de mulheres e mães, gerando maior autonomia financeira e, ao mesmo tempo, dificuldades com o acúmulo de tarefas e responsabilidades. As práticas cotidianas das mulheres tornam-se mais diversas e complexas. Ao longo da história da humanidade, as mulheres sempre trabalharam. O trabalho feminino remunerado e fora de casa, necessário ao funcionamento do sistema capitalista atual, gera um desencaixe maior nas relações de gênero, principalmente no que toca ao cuidado das crianças e pessoas dependentes. Diante dessas questões e de tantas outras, veem-se hoje discursos diversos e até contraditórios para o feminino, construídos e oferecidos nas interações midiáticas.

Dentre esses discursos, são numerosos aqueles que afirmam que a maternidade e a função materna são constituintes básicos e inseparáveis da existência feminina. Nesse sentido, a declaração de Gisele Bündchen apresenta-se como grande retrocesso. Ao atribuir à maternidade a maior responsabilidade feminina, retornamos a momentos anteriores ao trabalho remunerado feminino e à invenção da pílula, quando o ser mãe e a vida doméstica eram atividades compulsoriamente impostas às mulheres.

Não somente Gisele Bündchen, mas outras personalidades da mídia costumam reafirmar essa perspectiva. Maria Mariana, uma das principais referências da cultura juvenil no Brasil nos anos 1980 e 1990, quando escrevia roteiros para programas de televisão e peças de teatro, lançou em 2009 o livro *Confissões de mãe*, em que defende a maternidade como o principal trabalho feminino. Nos Estados Unidos, a atriz Megan Fox declarou no início de 2013 que, depois que deu à luz seu primeiro filho, seu trabalho mais importante passou a ser a maternidade. Observa-se assim que uma das expectativas mais tradi-

cionais e solidificadas para o gênero feminino constitui-se ainda no exercício da maternidade, o que está em consonância com a norma biológica da reprodução.

O fato de tornar-se mãe tem consequências efetivas de ordem física, emocional, econômica e política para as mulheres, gerando o que Rodrigues (2008) chama de “ônus da maternidade”. Knibiehler (2006) afirma que, no que se relaciona às questões da reprodução e do cuidado infantil, isto é, quando se trata dos problemas mais práticos do exercício da maternidade e da paternidade, os limites dos papéis de gênero são muito pouco flexíveis. Ela entende que a diferença importante não é entre homens e mulheres, mas entre pais e mães. A autora destaca a assimetria ligada à procriação: “[...] a maternidade pesa bem mais sobre as mulheres do que a paternidade pesa sobre os homens” (Knibiehler, 2006, p. 276, tradução nossa). Há uma forte conexão entre desigualdade de gênero e reprodução. Em diferentes tempos, sociedades e lugares, as mulheres se envolvem, se comprometem e se ocupam mais com a maternidade do que os homens com a paternidade.

Apesar da valorização que a maternidade pode trazer à mulher – e até em razão disso –, uma das estratégias que procuram justificar as relações de poder do masculino sobre o feminino está em destacar a diferença biológica e sexual, evidenciando no corpo feminino a função reprodutiva: gravidez, parto, amamentação. As funções de reprodução, assim como aquelas do cuidado infantil, são vistas também como sinal de fraqueza e dependência, como redutoras e limitadoras de outras atividades e habilidades das mulheres. Isso pode ser observado nas relações de trabalho, em que persiste, ainda que com sinais de lenta mudança, a divisão sexual que confere mais poder e melhores salários aos homens.

Assim, a mulher comum depara-se com uma encruzilhada: se opta por não ser mãe, ela vai contra a “natureza”, a “vocação” e o “destino” femininos e, principalmente, contra valores arraigados e normas sociais. A mulher que escolhe não reproduzir é muitas vezes vista como uma pessoa egoísta. Se ela opta por ter crianças, deve arcar praticamente sozinha com o ônus da maternidade e é desvalorizada no mercado de trabalho por essa razão.

Esse não é o caso de Gisele Bündchen. Uma das mulheres mais ricas do mundo, a modelo teve e tem condições de arcar com confortos e luxos materiais, bem como contratar profissionais que minimizassem o peso da maternidade. Com uma carreira sólida e poder para negociar contratos, a modelo dispôs, certamente, de autonomia para escolher ofertas e compromissos de trabalho durante o período da gravidez e do pós-parto.

O sucesso profissional de Gisele Bündchen permitiu também que ela se dedicasse à preparação de seu corpo para a maternidade. A capa da revista *Contigo!* em 4 de agosto de 2009 mostra, pela primeira vez, uma fotografia em que a modelo aparece grávida, de biquíni. A foto não é posada: na imagem, Gisele anda numa praia, de olhos fechados, no que parece ser o flagrante de um momento de exercício físico, relaxamento e conexão com a natureza. Não se veem outras pessoas na foto, o clima é de intimidade e tranquilidade.

A modelo teve parto normal, contrariando as alarmantes estatísticas e práticas no Brasil, onde mais da metade dos partos são cirúrgicos. Nos Estados Unidos, onde Gisele vive, a porcentagem de cesáreas é menor e o parto normal, muito mais saudável, é predominante. A modelo deu à luz na água, em casa. Nos textos da mídia brasileira, houve curiosidade sobre o procedimento, e Bündchen explicou seu funcionamento destacando os benefícios. A preparação, a saúde e a força de seu corpo asseguraram um parto perfeito que se desenrolou de maneira extremamente natural – como, de fato, deveria acontecer no Brasil.

Depois do parto, a atmosfera naturalista e saudável definiu ainda suas observações a respeito do aleitamento



Figura 1. Capa da Contigo revela uma das poucas imagens de Gisele Bündchen grávida.

Figura 1. Contigo's cover reveals one of the few pictures of Gisele Bündchen's pregnancy.

materno. Gisele fez questão de destacar a importância da amamentação, não apenas mostrando o seu caso como exemplo como também emitindo declarações infelizes como aquela que sugeria a obrigatoriedade da amamentação. Sabe-se que muitas mulheres, por motivos físicos e/ou emocionais, não conseguem amamentar. Os benefícios do aleitamento materno para a criança são indiscutíveis, mas não seria admissível, do ponto de vista dos direitos civis ou dos direitos da mulher, obrigar alguém a amamentar. Se, com a questão do aborto, o poder sobre o corpo feminino está em debate constante, pensar a amamentação como lei seria mais um retrocesso para as conquistas das mulheres e, quiçá, mais um complicador para aquelas que gostariam de amamentar e que sofrem pressões se não conseguem. Nesse sentido, campanhas de conscientização e apoio às lactentes podem ser muito mais eficazes. Assim, o “cala a boca” destinado a Gisele mostra que a modelo ultrapassou os limites da liberdade de expressão nos Estados Unidos, país em que historicamente as mulheres têm lutado pela autonomia no que se refere às escolhas relacionadas a seus corpos.

A maternidade é carregada de ambivalências na esfera emocional e pessoal, pois há uma constante confrontação do valor afetivo da experiência materna com os desgastes inerentes à sua vivência no cotidiano. Badinter destaca que há

De um lado, uma experiência insubstituível, o amor dado e recebido, a importância da transmissão e da continuidade da vida; de outro, as frustrações e o stress cotidiano, o sacrifício de si, os conflitos inevitáveis e por vezes o sentimento do fracasso com a culpa que dele resulta (Badinter, 2010, p. 253, tradução nossa).

À ênfase nos aspectos positivos e na naturalização de uma “vocalização” feminina para a maternidade nos discursos midiáticos, soma-se o despreparo de grande parte das mulheres frente à nova experiência corporal, psicológica e emocional intrínseca à maternidade. A expectativa social de uma habilidade nata para *ser mãe* não raro choca-se com uma realidade de dúvidas e problemas práticos que podem estar na origem da frustração, do sentimento de impotência e até da depressão em mulheres que se deparam com as dificuldades que o nascimento de uma criança pode trazer. Assim como na famosa frase de Simone de

Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, podemos dizer que nenhuma mulher nasce sabendo ser mãe: a maternidade é duramente aprendida na prática, exigindo o posicionamento diante de valores e sentimentos que vão muito além da condição biológica da reprodução. Como afirmou Badinter há mais de 30 anos, “a maternidade é mais difícil de viver do que em geral se crê e [...] a todopoderosa natureza não dotou a mulher de armas suficientes para enfrentá-la” (Badinter, 1985, p. 353).

Nas falas de Gisele Bündchen publicadas em seu *blog* e na mídia massiva, não há espaço para aspectos negativos da maternidade.³ A modelo segue alguns preceitos de uma tendência identificada como neonaturalismo, no qual a natureza e as necessidades da criança ditariam o comportamento da mãe. Esse naturalismo, criticado por feministas francesas como Badinter, demoniza o uso de qualquer alternativa ao leite materno e à amamentação integral. É importante lembrar que alternativas como o leite de vaca ou o leite materno oferecido na mamadeira viabilizaram certa divisão de tarefas de cuidado infantil. Ainda que menos benéfica para a criança pequena, a mamadeira tem sido uma solução, muitas vezes precária, para as mães que necessitam ou desejam trabalhar enquanto as crianças são pequenas. A amamentação exclusiva ao peito exige dedicação praticamente exclusiva por muitos meses.

O aleitamento materno deve ser incentivado não apenas como responsabilidade da mulher, mas também por meio de políticas e leis que viabilizem essa prática, pensando a mãe como indivíduo inserido na sociedade como um todo. A fala de Gisele coloca e aumenta o peso da amamentação e do cuidado infantil sobre as mulheres, como um compromisso único e individual de cada uma.

De volta ao trabalho

Durante a gravidez, quando o corpo da mulher passa por transformações, Gisele Bündchen praticamente desapareceu dos textos da mídia. Em raras ocasiões, a modelo foi fotografada ou falou sobre o assunto. Em 4 de agosto de 2009, Gisele ilustrou a capa da revista *Contigo*, vestida de biquíni em uma praia; em setembro, ao ser nomeada embaixadora das Nações Unidas, ela concedeu

³ Uma análise comparativa com o nascimento do segundo filho da apresentadora de televisão Luciana Gimenez mostrou que as celebridades também expressam dilemas e dificuldades da maternidade. Luciana não hesitou em reclamar da preguiça, das mudanças no corpo, da ansiedade e do cansaço trazidos pela maternidade (Lana, 2012).

uma entrevista para a *Caras*. As poucas aparições na grandeza contrastam com a rápida volta ao trabalho depois que deu à luz, quando retomou seu espaço de destaque na visibilidade midiática. Em janeiro de 2010 – ou seja, seis semanas após seu parto – Gisele Bündchen voltou ao trabalho. A modelo, que se dedica desde os 14 anos à sua profissão, exibia seu manequim habitual ao realizar fotografias para a marca de roupa *Colcci*. Naquela mesma semana, ela concedeu uma entrevista ao *Fantástico* (Rede Globo), e outras grandes publicações brasileiras, como *Veja* e *Folha de S. Paulo*, também dedicaram espaço para as novidades da vida da modelo. Bündchen ainda divulgou uma linha de cosméticos e desfilou no *São Paulo Fashion Week*. Em abril, ela foi capa da revista *Vogue America*. Nas fotografias para *Vogue*, não há qualquer resquício da gravidez recente no corpo de Gisele.

Não tendo desfrutado nem mesmo o período dos quatro a seis meses usualmente coberto pela licença maternidade no caso de mulheres assalariadas, Gisele Bündchen apresenta-se como profissional extremamente ativa, o que indica uma evidente divergência com seu posicionamento



Figura 2. *Vogue* associa o nome de Gisele a “bebê, corpo e marca de cosmético”.

Figure 2. *Vogue* associates Gisele’s name to “baby, body and beauty brand”.

a respeito do ser mãe como a maior responsabilidade da mulher. Ao retornar em tempo recorde às suas atividades profissionais, a modelo não demonstra que a maternidade é sua principal obrigação. Como celebridade, a atuação de Gisele Bündchen consiste em protagonizar eventos produzidos pela mídia, causando influência sobre a audiência e despertando a atenção do público para marcas, produtos e narrativas diversas. A manutenção de sua presença como personagem influente depende da elaboração de estratégias de participação na visibilidade midiática. O corpo magro e rapidamente pronto para as atividades de modelo nem parecia ter experimentado a maternidade tão recentemente; a maioria das mulheres leva muito mais de seis semanas para voltar ao peso anterior à gravidez.⁴ Gisele Bündchen demonstra suas estratégias profissionais como celebridade, empresária da mídia rigorosa com os cálculos da visibilidade do próprio corpo.

O trabalho como manequim em um período normalmente dedicado ao resguardo, à amamentação exclusiva e aos cuidados com o bebê apontam que o dever profissional é tão importante na biografia de Gisele Bündchen como a maternidade. Sua “licença maternidade” ocorreu antes do nascimento do bebê, momento em que a modelo grávida demonstrou estar inapta para o trabalho no campo da moda, já que optou por não realizar quase nenhuma aparição na visibilidade midiática. Justificando a ausência da mídia naquele período, Gisele afirmava que a gravidez era “só sua” e que não gostaria de falar sobre a sua vida pessoal. Entretanto, a modelo não hesitou em se deixar fotografar com o filho nos braços logo após seu nascimento, nem mesmo em explicar detalhadamente sua rotina pessoal depois da maternidade. Dessa maneira, as declarações da modelo e suas ações na cena público-midiática contrapõem sentidos tradicionais e contemporâneos da maternidade. Em seu discurso de homenagem, há notadamente a exaltação de posturas marcadas pelo *backlash*, movimento reverso à continuidade das reivindicações pela igualdade entre homens e mulheres, identificado nos anos 1980 pela crítica pós-feminista e presente ainda hoje, especialmente na mídia. No entanto, a modelo desempenha o papel da mulher contemporânea, que se desdobra entre a maternidade e as tarefas do universo do trabalho remunerado, indicando uma dupla responsabilidade: discursivamente, sua maior tarefa é ser mãe e, em sua atuação concreta, é o trabalho. O *slogan* de seu *blog*, “aqui a moda é ser responsável”, confirma que as obrigações e os deveres

⁴ Em 2013, logo após ter dado à luz pela segunda vez, Gisele Bündchen também recuperou rapidamente sua forma habitual.

dos indivíduos dão a tônica de suas expressões públicas como celebridade de maneira geral.

Gisele Bündchen constitui a imagem de empreendedora de si mesma, responsável pelo seu sucesso e competente com o investimento em seu capital humano. Como aponta Foucault (2008, p. 311), o empresário de si mesmo se torna “ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de sua renda.” Com isso, a “competência-máquina”, que possibilita a geração de renda, não se dissocia de seu portador. Esse modo de vida define as sociedades neoliberais, em que a vida dos indivíduos é experimentada como empresa.

A ideia de capital humano, desenvolvida por Foucault na análise das transformações do trabalho das economias liberais para neoliberais, concebe o trabalhador não como objeto alienado do mercado capitalista, mas como sujeito produtor de fluxos de renda. Enquanto artífice de seu destino e dos cálculos e investimentos em seu capital humano, os indivíduos contemporâneos são os únicos responsáveis pelo seu sucesso e devem realizar uma boa gestão de si mesmos para alcançar uma vida bem-sucedida. No caso de Gisele Bündchen, a imagem de boa mãe é benéfica à profissão de mulher ideal. Seu capital humano consagra investimentos na atividade de modelo, que consiste em exibir a si mesmo na visibilidade midiática para que seja exemplo e parâmetro para outras pessoas. Além de magra, branca, heterossexual, forte, jovem, saudável e sensual, ela é mãe (e esposa) perfeita. A mãe Gisele reinveste capital na própria empresa Gisele, em permanente campanha de si.

As fantasias e a eficiência dessa campanha situam-se no apagamento dos mecanismos que permitiram a vivência supostamente perfeita da maternidade. Como dissemos, a modelo tem uma carreira profissional consolidada, o que possibilitou uma gravidez bem planejada – não foi apenas por responsabilidade própria que Gisele Bündchen se preparou para ser mãe. Quando não explicita o ambiente favorável de sua experiência, provavelmente muito diferente da maioria das mulheres no Brasil, que arcam com o ônus da maternidade, eleva-se a mágica de sua habilidade e de seu capital humano, idealizando ainda mais potentemente a figura do *modelo*. A declaração sobre a maternidade como principal responsabilidade da mulher compõe o cenário do apagamento das contingências mais amplas do acontecimento.

A mídia nacional contribuiu para a consolidação da figura da mãe perfeita, pois, em apenas dois textos, foram publicadas críticas à Gisele Bündchen. A revista *Veja*, citando o retorno tão rápido da modelo às campanhas

publicitárias no texto “Empolgação pós-parto”, anunciou o fato de Gisele não pensar “em cortar, simbolicamente, o cordão umbilical.”

Tomada pelo poderoso encantamento das mães diante do primeiro filho, Gisele [...] toma conta de Benjamin sem babá, embora com a inestimável ajuda da mãe, e faz planos conjuntos. “Tenho alguns contratos para cumprir ainda no primeiro semestre e ele provavelmente vai me acompanhar”, informa (Bydlowski, 2010, p. 81).

Já no site de *O Globo*, Ítala Maduell se diz com “inveja” de um “modelo de mãe”. “Tá mal contada essa história, vocês não acham? Porque na minha família (e na dos amigos, e nas de vocês que nos acompanham aqui e contam suas experiências), coisas dão errado” (Maduell, 2010). As críticas são pequenas quando comparadas ao conjunto de textos coletados, no entanto, dão sinais que a lógica da maternidade de Gisele Bündchen, que se estabelece a partir da promoção de seu capital humano, não se aplica às mães comuns – mesmo com a insistência no *modelo de mãe*, a maternidade vivida sem padecimento e com responsabilidade, que deveria ser exemplo para todas as mulheres.

Veja revela, com um tom bastante irônico, que Gisele Bündchen se desdobra nos cuidados com o filho e com o trabalho, levando o recém-nascido aos seus compromissos profissionais. A dedicação excessivamente “empolgada” ao trabalho vai de encontro ao discurso da doação altruísta, comportamento tradicionalmente esperado das mães; ainda que a modelo afirme não ter babá, sua dedicação não se volta completamente à maternidade, posto que tem contratos para cumprir. Essa seria uma indicação do evidente paradoxo de sua imagem: o cordão umbilical seria mantido não pelo fato de haver responsabilidade total e atenção exclusiva ao bebê, mas, sim, pela obrigação de trabalhar.

Essa contradição se aproxima de interpelações a que mulheres comuns respondem hoje em dia. Por um lado, há expectativas e cobranças quanto a uma realização humana integral da mulher contemporânea: profissional, material e afetiva. É certo que os discursos que promovem o imperativo da felicidade e do desenvolvimento pessoal, presentes na cultura contemporânea, envolvem e atingem homens e mulheres. Por exemplo, não basta somente ter filhos/as, é preciso também que eles/as desenvolvam alta performance, orientação dirigida não apenas às mães como também aos pais. “Nem mesmo a sociabilidade domés-

tica escapa de ser reinterpretada a partir de princípios instrumentais. [...] As *horas felizes* da vida em comum representariam, em suma, apenas mais uma *operação imprescindível ao prosseguimento da Alta Performance familiar*” (Freire Filho, 2011, p. 31). Para as mulheres, a responsabilidade pelo trabalho doméstico, a opção de ser mãe como destino natural, as tarefas exclusivamente femininas da maternidade, como a gravidez e a amamentação, assim como o cuidado das crianças, suscitam mais conflitos na condução da carreira profissional, que podem ser vistos como entraves à sua realização integral. Por outro lado, os discursos normativos de homenagem, presentes tanto na publicidade e quanto na fala midiática de celebridades como Gisele Bündchen, valorizam nas mães a dedicação incondicional e a capacidade – tranquila e natural – de colocar os interesses, o bem-estar, a segurança e a felicidade da prole em primeiro lugar. A boa performance materna é definida, assim, por demandas que não são completamente atendidas pelas mulheres, envolvidas com apelos para alcançar outras realizações além da maternidade.

Essa dupla e contraditória convocação, ser profissionalmente bem-sucedida e ser mãe totalmente dedicada, parece apaziguada na maternidade midiática de Gisele Bündchen. Ao dizer que “coisas dão errado”, a colunista de *O Globo* lembra que insucessos rondam a exaltação da alta performance.

À guisa de conclusão

Na trajetória de Gisele Bündchen, o nascimento de seu primeiro filho foi narrado pela mídia como evento sem sobressaltos, o que contradiz estudos recentes a respeito dos conflitos que envolvem a maternidade hoje. Ao contrário de abordar dilemas, a modelo adota a imagem da mãe perfeita em um ideal materno inexistente para as mulheres comuns. O apagamento das condições sociais que lhe permitiram a maternidade tranquila reforça a ideia do ser mãe como principal responsabilidade feminina. Essa perspectiva discursiva dialoga com outros elementos neonaturalistas trazidos pela modelo, que não explicitam a necessidade de haver um ambiente social favorável mais amplo para o sucesso da maternidade, algo muito além do próprio esforço individual das mulheres.

A reflexão crítica a respeito da solução quase mágica dos conflitos da maternidade para Gisele Bündchen deve lembrar que a vitimização da mulher, possível inter-

pretação contemporânea de reivindicações feministas, não é mais suficiente para a compreensão das desigualdades entre homens e mulheres. Nos anos 1960, a tomada de consciência da categoria “gênero” estava ligada ao contexto de engajamento comprometido com a justiça em outras esferas; no cenário contemporâneo, o desencantamento com as lutas políticas tradicionais traz novos desafios para a busca da igualdade. A promoção do consumo e as possibilidades da vida feliz mediante escolhas individuais entusiasmadas colocam em dúvida a caracterização da mulher como uma vítima oprimida. Ao mesmo tempo, a ideia de um feminismo ortodoxo há muito tempo vem sendo questionado. Desde os anos 1980, a mídia se encarrega de retratar as lutas feministas de maneira estereotipada e circunscritas a um mundo que passou. Quando atual, o feminismo muitas vezes é apontado como a fonte do fracasso das mulheres, como analisam Genz e Brabon (2009).

A maternidade midiática de Gisele Bündchen, ao apagar seus conflitos, dilemas e dificuldades, contribui para esse novo momento político de desigualdades, em que a vida é supostamente experimentada mediante responsabilidade individual e escolhas acertadas, desconectadas de estrangimentos sociais e históricos. Para as relações entre homens e mulheres, a maternidade parece ser mais encargo do capital humano feminino, que deve investir tanto na atenção dedicada à prole, como no trabalho extradoméstico bem-sucedido. É possível perceber uma visão da maternidade como realização suprema da mulher. É aquilo que há de mais sagrado, importante e gratificante em sua vida. Como na publicidade de homenagem, a mãe Gisele Bündchen é construída como um ser acima das outras pessoas, pois transcenderia a natureza egoísta do ser humano ao ser capaz de se dedicar, integral e incondicionalmente, a seu filho.

Essa análise é pouco animadora. A complexidade do contexto contemporâneo, no entanto, indica que existem também outras possibilidades para a compreensão das narrativas da maternidade de Gisele Bündchen. A responsabilidade de ser mãe serve ao empreendedorismo de Gisele, mas estabelece um paradoxo irreduzível com a vida profissional da modelo. O impasse, mesmo pouco explorado pelos textos da mídia, expõe no espaço da visibilidade os conflitos da maternidade. Ao criticar a ideia de Gisele Bündchen sobre a lei amamentação obrigatória, a mídia lembra que, para as mulheres que retornam ao trabalho após a licença maternidade de quatro meses, é difícil amamentar por seis meses. Como pôde levar o bebê ao *set* de fotos, fazer os intervalos necessários e contar com uma equipe de funcionários, Gisele faz uma

demanda que lembra a famosa declaração de Maria Antonieta, que diz ao povo para comer brioche na ausência de pão. Para a maioria das trabalhadoras assalariadas, a lei da amamentação não seria viável. A abertura para que homens e mulheres possam refletir sobre a maternidade é trazida de uma maneira não tão bem acabada ou bem resolvida como Gisele Bündchen gostaria que fosse, trazendo desencaixes nas normas, valores e práticas que sustentam a maternidade.

Como em outras esferas midiáticas, observa-se que, mesmo nesse início de século XXI, os discursos sobre a maternidade tendem mais à manutenção do que à transformação. O modelo de mãe faz sonhar com uma maternidade que não existe na vida real das mulheres comuns e nem mesmo na de Gisele Bündchen. A idealização não será alcançada, mas pode compor horizontes de expectativas diante de um tema que não se dobra completamente às regras do mercado neoliberal e às exigências da responsabilidade dos indivíduos sobre si mesmos.

Referências

- BADINTER, E. 2010. *Le conflit: la femme et la mère*. Paris, Flammarion, 256 p.
- BADINTER, E. 1985. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 370 p.
- BÜNDCHEN, G. 2010. Presente da vida. Disponível em: <http://blog.giselebundchen.com.br/sentido/uma-nova-vida/> Acesso em: 15/03/2012.
- BYDLOWSKI, L. 2010. Empolgação pós-parto. *Veja*. Coluna Gente. São Paulo, 03 fev., p. 81.
- CORRÊA, L.G. 2011a. *Mães cuidam, pais brincam: normas, valores e papéis na publicidade de homenagem*. Belo Horizonte, MG. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 304 p.
- CORRÊA, L.G. 2011b. Reflexões sobre a publicidade de homenagem e o dia da Consciência Negra. In: L.L. BATISTA; F. LEITE (org.), *O negro nos espaços publicitários brasileiros: perspectivas contemporâneas em diálogo*. São Paulo, ECA-USP, p.197-207.
- CORRÊA, L.G. 2012. Quem sempre troca a Maria? Transmissão e permanência dos papéis de gênero na publicidade. In: V.R.V. FRANÇA; L.G. CORRÊA (org.), *Mídia, instituições e valores*. 1ª ed., Belo Horizonte, Autêntica, vol. 1, p. 85-96.
- FOUCAULT, M. 2009. Verdade e poder. In: M. FOUCAULT, *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, p. 4-11.
- FOUCAULT, M. 2008. *O nascimento da biopolítica. Curso dado no Collège de France 1978-1979*. 1ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 474 p.
- FREIRE FILHO, J. 2011. Sonhos de grandeza: o gerenciamento da vida em busca da alta performance. In: J. FREIRE FILHO; M.G.P. COELHO (org.), *A promoção do capital humano: mídia, subjetividade e o novo espírito do capitalismo*. Porto Alegre, Sulina, p. 27-50.
- GENZ, S.; BRABON, B.A. 2009. *Postfeminism: cultural texts and theories*. Edinburgh, Edinburgh University Press, 199 p.
- HOUAISS, A. 2009. Responsabilidade. In: A. HOUAISS, *Novo dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, p. 1653-1653.
- KNIBIEHLER, Y. 2006. *Qui gardera les enfants? Memoires d'une féministe iconoclaste*. Paris, Calmann-Levy, 318 p.
- LANA, L. 2012. *Personagens públicas na mídia, personagens públicas em nós: experiências contemporâneas nas trajetórias de Gisele Bündchen e Luciana Gimenez*. Belo Horizonte, MG. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 284 p.
- MADUELL, I. 2010. Inveja de Gisele. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/mae/posts/2010/06/19/inveja-de-gisele-301492.asp>. Acesso em: 15/03/2012.
- RODRIGUES, G. C. 2008. *O dilema da maternidade*. São Paulo, Annablume, 282 p.

Submetido: 26/03/2013

Aceito: 13/08/2013